

O Sistema VASP: Redespacho leva a sua carga para 5038 cidades.

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

142 Nas exposições, o espaço,
a cor e o expressionismo

O critério é geográfico. Poderia ser outro qualquer, a cor, por exemplo, os resíduos expressionistas ou a ênfase nas relações espaciais etc. Geográfico, simplesmente porque eu decidi ver uma dúzia de exposições, na tarde chuvosa de quarta-feira, visando a melhor economia de tempo.

Assim, eu que vinha da Tijuca decidi atravessar o túnel Rebouças e começar o roteiro pela Escola de Artes Visuais (Parque Lage) em neste momento apresenta desenhos, em diversas técnicas, de Márcia Rothstein. Bela exposição. A artista, muito jovem ainda, revela uma sensibilidade apurada para a cor e para o espaço. Seu trabalho é ao mesmo tempo sensível e inteligente, rigoroso e delicado. Como diz a própria artista, "A mente sempre procurou unir num mesmo ato o processo técnico e a pesquisa sensorial". E possível que a experiência da artista no campo da dança tenha aguçado sua sensibilidade para as relações espaciais: São planos, cruzamentos, obstáculos, paredes, cantos, esquinas numa virtualidade agravada por cores muito tênues, quase apagadas: verdes, cinzas, rosas, brancos. Na primeira sala, logo à entrada da Escola, estão os trabalhos mais recentes, quase todos voltados para a captação dessa frágil arquitetura, de seus espaços internos, virtuais. Na sala subsequente, aparecem trabalhos mais antigos, de 1975/76, de temática variada a externa: piscinas, obeliscos, fachadas, janelas, a Avenida Paulista e até figuras humanas. Tudo, porém, reduzido ao mínimo, ao essencial; mais a emoção que a realidade. Márcia sabe ser econômica, mas seus trabalhos, mesmo os mais abstratos, estão calcados numa vivência concreta. Na segunda sala existem algumas paisagens noturnas que são pequenos pontos de luz, na primeira sala belas manhãs de dezembro. Da noite para o dia, do externo para o interno, da realidade para a arte: a paisagem agora é a cor, o espaço, o papel, uma certa quantidade de energia, o pó, a água, as vivências muito sutis do próprio desenhar.

Seguindo pela rua Jardim Botânico chega-se ao shopping Center da Gávea, à rua Marques de São Vicente, onde estão concentradas várias galerias. Como a mostra de João Henrique foi encerrada neste fim de semana não cabe mais incluí-la aqui neste roteiro. Fica apenas a memória de uma fartura de verdes, de um desenho miniaturizado, sobretudo na execução das folhas das árvores e do silêncio de paisagens desabitadas: ilhas, garças, trechos de estradas e alguns telhados. Mas também a memória da indecisão do artista entre assumir a visão edênica (a de Roberto Feitosa, por exemplo) de uma paisagem anterior ao pecado e a simplificação de uma paisagem existente ainda hoje entre o campo e o litoral. Assim, João Henrique não provoca nem o êxtase parisiaco e/ou extesia visual, nem a emoção do fato real. As galerias Giro e Saramenha, no mesmo andar, nada apresentam neste momento, senão obras de seu acervo. Pela escada rolante chega-

se à Galeria Casablanca, no mesmo Shopping Center onde expõe Maria Luiza. Nem os espaços sensíveis de Márcia Rothstein nem a paisagem de João Henrique. O clima de suas pinturas é francamente expressionista, com aquele ar corrosivo e desgastante de Kirschner, Müller, Nolde, Heckel e outros integrantes dos agrupamentos "Die Brücke" e "Der Blaue Reiter", ou mesmo de um precursor como Edward Munch. Uma humanidade decadente, bailando mecanicamente nos cabarés da vida. Um cheiro de álcool e alcova,

de fumaças e cosméticos. Espaços fechados e marginais que se tornam mais comprimidos pelos excessos cromáticos, (vermelhos intensos) que nem sequer os espelhos que abundam, conseguem ampliar. Solidão, queda e derrota em personagens abatidos, sorumbáticos, entregues à própria sorte. De qualquer maneira, Maria Luiza a que demonstra muita vitalidade e energia para quem começou a pintar com 50 anos, revela por estes personagens ternura e compreensão, e é com amor que deles se aproxima.

Abelardo Zaluar,
mais despojado

Retornando pela orla marítima chegamos ao próximo endereço: Galeria Ipanema, onde expõe, com categoria, Abelardo Zaluar. Em relação à última exposição do artista no Rio (Aliança Francesa de Ipanema) o progresso é indiscutível. Progresso no sentido de uma maior despojamento, de austeridade, de economia de recursos visuais. Falar de austeridade em relação a uma pintura tão atraente na cor e na riqueza de seu vocabulário geométrico, pode parecer uma contradição. Mas não é. Nestes últimos anos, Zaluar tem realizado constantes viagens às cidades do ouro, em Minas, ali levantando, fotograficamente, a riqueza vocabular do barroco mineiro. Este material é depois detidamente analisado, sobrando, no final (isto é, naquilo que o artista recria nos seus quadros) as relações estruturais mais profundas e permanentes. A pintura atual de Zaluar encerra uma das principais lições do barroco mineiro. Debaixo de sua aparente faustosidade, da exuberância e monumentalidade de suas formas, se esconde um rigor extremo e, em última análise, o verdadeiro caráter da cultura mineira: sua austeridade, seu amor ao equilíbrio, às harmonias quietas e permanentes. Um caminho portanto inverso: do impacto ao comedimento. Em sua pintura atual, Zaluar usa muito menos os recursos maneiristas do "trompe-l'oeil", sombras, relevos simulados etc. Pelo contrário, amplia as áreas de cor pura, que aprofundam o espaço, dando-lhe consistência e espiritualidade. Isto é mais visível nos quadros maiores, nos quais usa o negro associado ao azul ("Apoio") ou ao vermelho ("Suspenso"). Os títulos de suas obras, aliás, não deixam dúvida quanto à origem arquitetônica de sua forma: "Cantoneira", "Esconso", "Beiral", "Crista", "Ponta", "Friso", "Terminal" etc. E também indicam um sentido de movimento, ora pendular ("Balanço" e "Leque"), ora

contido no espaço ("Lance", "Diagonal", "Suspenso"). Esta vinculação tão precisa com um estilo arquitetônico do passado dá um caráter quase figurativo ao seu trabalho atual, como o próprio artista procura assinalar. Porém, localizado o estilo no tempo e no espaço, é barroco, é Minas, sua transferência para a pintura não se faz de forma descritiva ou figurativa, pois o que nela resalta é a forma, sua dimensão oculta, que é a ordem. Afora todos os seus méritos intrínsecos, a pintura atual de Zaluar é uma leitura muito precisa do barroco mineiro.

Ainda em Ipanema, na Praça General Osório, alcançamos a Galeria b-75 Concorde, onde se apresenta Firmino Saldanha. Arquiteto, Saldanha se impôs, como pintor, no auge do Informalismo da Escola de Paris. E deixou sua marca, realizando uma pintura faustosa, excessiva, exuberante, mas perfeitamente controlada. Nela a forma tem o sentido de um fluxo constante que tem origem em regiões profundas. Isto é mais evidente sobretudo quando os fundos são negros, permitindo às cores vibrarem com maior intensidade. Ao retornar à pintura depois de prolongada ausência, Firmino Saldanha realiza um trabalho muito datado, muito comprometido com o Informalismo dos anos 50. Porém, muita coisa ocorreu no mundo da arte depois disso, sobretudo a arte conceitual, cuja influência sobre todo o sistema da arte foi muito grande. Mesmo a abstração hoje praticada sofreu o seu impacto.

Por outro lado, o exame da produção atual de Firmino Saldanha é seriamente prejudicado pela própria *mise-en-scène* da galeria. A obscuridade da sala, com os spots de luz localizados diretamente sobre cada quadro, dificultando inclusive a movimentação do espectador que acaba se interpondo entre um e outro, podem ampliar artificialmente o brilho das cores e o dinamismo da forma. Extasiar mesmo. Como se estivéssemos no interior de uma catedral gótica ou numa boate. Mas é irreal. Fora da galeria, o quadro vai ser contemplado em outros ambientes, com outra iluminação ou mesmo luz natural, do dia. E tudo pode mudar. Afinal catedrais góticas não podem mais ser construídas, nem se pode viver todo o tempo dentro de uma boate.